

# Douglas Stuart Shuggie Bain

Vencedor

The  
2020  
Booker  
Prize



ALFAGUARA



## Um

Era um dia de tédio. Naquela manhã, a mente abandonara-o, deixando o corpo a vagar lá em baixo. Pálido, de olhos ocos e sob os tubos das lâmpadas fluorescentes, o corpo vazio cumpria a rotina apaticamente, enquanto a alma pairava pelos corredores pensando apenas no amanhã. Valia a pena esperar pelo amanhã.

Shuggie era metódico a preparar o turno. Todos os recipientes com molhos gordurosos e pastas para barrar eram expostos em tabuleiros impecáveis. Nas bordas, limpava os respingos que, em menos de nada, ficariam castanhos, arruinando a ilusão de frescura. O fiambre em fatias era arranjado engenhosamente, com falsos ramos de salsa, e as azeitonas viradas de forma a que o sumo viscoso deslizesse como muco na pele verde.

Ann McGee tivera o descaramento de ligar naquela manhã, dizendo que estava outra vez doente, deixando-lhe a ingrata tarefa de, sozinho, tomar conta da charcutaria e do balcão de frangos assados. Nenhum dia começaria bem com seis dúzias de frangos mortos, e aquele dia, entre tantos outros, roubava-lhe a doçura das fantasias diurnas.

Shuggie empurrou os espetos industriais através de cada uma das aves mortas e frias, alinhando-as com precisão, uma atrás da outra. E elas ali ficaram, como bebês sem cabeça, os tocos das asas cruzados sobre os pequenos peitos gordos. Em tempos, ele tivera orgulho naquele género de ordem. A verdade é que empurrar o metal através da carne rosada e rugosa era a parte mais fácil; difícil era resistir a não fazer o mesmo com os clientes. Debruçavam-se sobre a vitrina quente e estudavam cada uma das carcaças ao detalhe. Julgavam escolher o melhor frango, ignorando que a criação de aviário significava que as aves eram todas iguais. Shuggie mantinha-se ali, de pé,

com os molares posteriores a beliscar o interior da bochecha, suportando a indecisão dos clientes com um sorriso forçado. Então, começava a pantomima. «Orienta-me aí três peitos, cinco coxas e uma asa fresquinha, filho.»

Ele rezava para ter força. Por que razão já ninguém queria um frango inteiro?

Erguia a carcaça usando um longo garfo, com cuidado para não tocar nos frangos com as mãos enluvadas, e depois dissecava habilmente as partes (a pele intacta), usando uma tesoura de cozinha. Sentia-se um idiota, de pé, sob as luzes do assador. O escalpe suava debaixo da rede para o cabelo e, se usasse apenas as costas da faca, as suas mãos não eram suficientemente fortes para quebrar a coluna do frango com desenvoltura. Dobrava-se então ligeiramente, reforçando a pressão dos pulsos com ajuda dos músculos das costas, sem nunca deixar de sorrir.

Se tivesse muito azar, a pinça escorregava-lhe, o frango caía com um baque e deslizava pelo chão grumoso. Ele simulava, desculpando-se, um recomeço com outro frango, mas nunca desperdiçava o sujo. Quando os clientes viravam as costas, punha a ave junto das suas irmãs, debaixo das luzes amarelas. Claro que acreditava na higiene, mas eram estas pequenas vitórias que o impediam de começar um motim. Além de que era aquilo que merecia a maioria das donas de casa que ali faziam compras, com os seus juízos reprovadores e as suas caras masculinas. A forma como o desprezavam fazia-o ruborizar, deixando-lhe a nuca escarlate. Em dias particularmente maus, ele pingava todo o tipo de secreções corporais na *taramasalata*, essa merda de pasta para burgueses que tinha uma saída absurda entre os clientes.

Shuggie trabalhava para Kilfeather havia mais de um ano. Não era sua intenção ficar tanto tempo. Mas tinha de alimentar-se, de pagar a renda todas as semanas e o supermercado era o único sítio que lhe dava emprego. O senhor Kilfeather era um cabrão de um forreta; gostava de ter pessoal jovem, a quem não era obrigado a pagar o salário de trabalhador adulto, e Shuggie conseguiu arranjar turnos mais curtos que se adaptavam

ao fragmentado horário escolar. Nas suas fantasias, imaginava-se a sair dali e a seguir adiante com a vida. Sempre adorara escovar e brincar com cabelos; era a única coisa que fazia o tempo voar verdadeiramente. Quando fez dezasseis anos, prometeu a si mesmo que iria para a escola de cabeleireiros que ficava a sul do rio Clyde. Tinha convocado toda a sua inspiração e juntado os desenhos que copiara do catálogo do Littlewoods e das páginas rasgadas das revistas de domingo. Visitara a escola Cardonald para se informar sobre as aulas nocturnas. Desceu na paragem de autocarro em frente da escola com mais meia dúzia de rapazes de dezoito anos. Vestiam roupa nova, à moda, e falavam com uma confiança vibrante que lhes escondia o nervosismo. Shuggie caminhou mais devagar do que eles. Viu como entraram pela porta principal. Depois, voltou a cruzar a rua e apanhou o autocarro de regresso. Começou a trabalhar no Kilfeathers na semana seguinte.

Shuggie gastou metade do intervalo da manhã a vasculhar as latas com defeito na secção das promoções. Encontrou três latas pequenas de salmão escocês que nem pareciam amasadas. Os rótulos estavam descolados e arranhados, mas as latas estavam intactas. Com o que lhe restava do ordenado, pagou o que levava no pequeno cesto de compras e colocou as latas de peixe na velha mochila, que voltou a deixar dentro do cacifo trancado. Arrastou-se escadas acima, até à cantina dos funcionários, e tentou parecer desinteressado da mesa dos estudantes universitários que trabalhavam durante os fáceis turnos do Verão e que passavam os intervalos com a mania que eram importantes, rodeados por dossiês grossos de apontamentos. Fixou o olhar na meia distância e sentou-se a um canto, suficientemente próximo das raparigas que trabalhavam nas caixas, sem que no entanto se pudesse dizer que estava sentado com elas.

Em boa verdade, as raparigas eram antes três mulheres de meia-idade de Glasgow. Ena, a líder do grupo, era um pau de virar tripas, com uma cara inescrutável e um cabelo oleoso. Não se podia dizer que tivesse sobrancelhas, mas ostentava um buço ténue, o que parecia injusto a Shuggie, com a sua

cara imberbe. Ena era uma durona, até mesmo para aquela zona de Glasgow. Mas também era simpática e generosa, como muitas vezes são as pessoas que já foram maltratadas. Nora, a mais jovem das três, usava o cabelo bem puxado para trás e preso num elástico. Os seus olhos, tal como os de Ena, eram pequenos e acutilantes. Com trinta e três anos, Nora já era mãe de cinco filhos. A última do grupo era Jackie, diferente das outras na medida em que tinha, de facto, uma aparência feminina. Jackie era uma coscuvilheira desenfreada e uma mulher bem peituda, volumosa como um sofá. Era dela que Shuggie mais gostava.

Sentou-se perto das mulheres e apanhou o fim da saga relativa ao último homem de Jackie. Era garantido que aquelas conversas eram sempre divertidas e sem maldade. Por duas vezes, tinham-no levado para as noites de bingo, e, enquanto bebiam e uivavam de riso, ele permanecia sentado entre elas como um adolescente no qual ainda não se podia confiar para ficar sozinho em casa. Shuggie gostava da forma como elas estavam à vontade. Como aqueles corpos o rodeavam e a maciez das carnes se pressionava contra os seus flancos. Ainda que protestasse, gostava de como elas lhe afastavam o cabelo dos olhos e lambiam os polegares a fim de lhe limpar os cantos da boca. Para as mulheres, Shuggie oferecia alguma espécie de atenção masculina, não importava que tivesse apenas dezasseis anos e três meses. Por baixo das mesas do bingo La Scala, cada uma delas tentara, pelo menos uma vez, roçar-lhe a mão no caralho. O roça-roça era demasiado longo e inquisitivo para ser verdadeiramente accidental. Para Ena-sem-sobrancelhas aquilo podia tornar-se uma cruzada. Quanto mais se metia nos copos, mais travessa ficava. A cada passagem dos dedos cheios de anéis pela braguilha do rapaz, ela apertava a língua entre os lábios e olhava o perfil de Shuggie com ardor. Quando ele, por fim, corava de vergonha, Ena estalava a língua em desaprovação, e Jackie empurrava uma nota de duas libras na direcção da radiante e vitoriosa Nora. Era uma desilusão, sem dúvida. Mas quanto mais elas bebiam mais achavam que não se tratava exactamente de uma rejeição de Shuggie. Havia alguma coisa naquele rapaz

que não estava bem, e isso, pelo menos, era algo de que podiam ter pena.

Sentado na escuridão do quarto, Shuggie ouvia o ressonar ondulante através das paredes do prédio no bairro social. Tentava, embora sem sucesso, ignorar os homens solitários que também não tinham ninguém. O frio da manhã tinha raiado de azul as suas coxas nuas. Procurou aquecer-se e enrolou-se numa toalha fina. Nervosamente, mastigou-lhe um canto, tranquilizando-se com o chiar que o tecido fazia entre os dentes. Ordenou o dinheiro do salário do supermercado na beira da mesa. Alinhou as moedas, primeiro de acordo com o seu valor, depois segundo a data de cunhagem e o brilho que emanavam.

O homem de cara rosada, no quarto paredes-meias, despertou com um ranger de ossos. Na cama estreita, o homem coçou-se ruidosamente e suspirou uma prece em busca de forças. Os pés atingiram o chão estrondosamente, como sacos pesados com carne do talho, e escutou-se o esforço com que ele se arrastou pelo pequeno quarto até à porta. Debateu-se com a fechadura e surgiu no corredor sombrio, avançando às cegas, a mão deslizando pela parede e apoiando-se contra a porta do quarto de Shuggie. O rapaz susteve a respiração enquanto os dedos do homem raspavam na madeira. Apenas quando ouviu o clique do cordão que acendia a luz na casa de banho, Shuggie voltou a mexer-se. O homem começou a tossir, reanimando os pulmões com o sacolejar do tórax. Shuggie tentou não ouvir o jacto de mijo e os escarros que, simultaneamente, embatiam na loiça da retrete.

A luz da manhã tinha a cor do chá com demasiado leite. Esgueirava-se pelo quarto alugado como um fantasma sorrateiro, cruzando a alcatifa e acercando-se devagar das pernas nuas de Shuggie. Ele fechou os olhos e tentou sentir a aproximação da luz, mas o toque desta não trazia calor algum. Esperou, julgando que a luz o cobriria inteiramente, e depois voltou a abrir as pálpebras.

Fitavam-no cem pares de olhos pintados. Os donos dos olhos eram solitários e tinham o coração partido desde sempre: as bailarinas de porcelana escoltadas por cachorrinhos, as raparigas espanholas com os marinheiros dançantes, o rapaz da quinta, com faces rosadas, que puxava um cavalo preguiçoso. Shuggie organizara os bibelôs impecavelmente ao longo do peitoril da janela. Passara horas a inventar-lhes histórias. O ferreiro de braços musculosos no meio dos rapazes do coro, com carinhas de anjo. Os seus preferidos: sete gatos bebés, que pareciam gigantes ao redor de um pequeno pastor ocioso, e que lhe sorriam ameaçadoramente

Pelo menos animavam um pouco aquele quarto que tinha um tecto mais alto do que largo, com uma cama de solteiro ao centro, como se fosse uma divisória. Junto de uma parede estava um sofá antigo, de madeira, com dois lugares, cujas almofadas finas deixavam que as ripas se cravassem nas costas de quem ali se sentasse. No lado oposto, estava um pequeno frigorífico e um fogão portátil de dois bicos. Excepto a roupa de cama amarfanhada, não havia nada fora do lugar: nada desarrumado, ou roupas espalhadas do dia anterior, ou vestígios de vida. Shuggie tentou acalmar-se enquanto alisava os lençóis. Pensou em como a mãe odiaria aquela roupa de cama desirmanada, a estranheza das cores e dos padrões sobrepostos como se ele não se preocupasse com aquilo que as pessoas pensariam. Tamanho descaso teria ferido o orgulho da mãe. Um dia Shuggie pouparia dinheiro para comprar lençóis novos, macios, quentes e todos da mesma cor.

Tivera sorte em conseguir um quarto na pensão da senhora Bakhsh e que o antigo hóspede tivesse acabado na prisão por gostar demasiado da pinga. A enorme janela de sacada do quarto debruçava-se orgulhosamente sobre a Albert Drive. Por isso, Shuggie supunha que, em algum momento, o quarto teria sido a sala de estar de um apartamento relativamente grande, com três quartos. Já espreitara algumas das outras divisões. A pequena cozinha que a senhora Bakhsh transformara num quarto ainda conservava o chão de linóleo aos quadrados. Os restantes três quartos, mais amplos, mantinham a alcatifa.

O homem da cara rosada vivia naquilo que, em tempos, teria sido um quarto de bebé, com papel de parede florido, amarelo e com um friso de coelhos sorridentes junto da cornija do tecto. A cama, o sofá e o fogão do homem estavam alinhados junto da mesma parede. Shuggie vira o interior da divisão uma vez, através da fresta da porta semi-aberta, e sentira-se feliz por ter uma janela de sacada no seu quarto.

Tivera sorte em encontrar a pensão da paquistanesa. Nenhum outro senhorio quisera como inquilino um rapaz de quinze anos que fingia ter acabado de fazer dezasseis. Não o diziam directamente, mas notava-se que tinham muitas perguntas na cabeça. Examinavam-no de alto a baixo, com suspeita, avaliando a melhor camisa e os sapatos engraxados de Shuggie. *Isto não está bem*, diziam os olhos dos senhorios e, nos cantos da boca, ele podia ler o que pensavam: uma vergonha que um rapaz daquela idade não tivesse uma mãe, que não tivesse alguém de família.

A senhora Bakhsh não se importara com isso. Tinha olhado para a mochila da escola, para o dinheiro da renda do mês que ele pagara adiantado, e voltara às coisas que realmente a preocupavam. Pensando em como agradar a senhora Bakhsh, Shuggie enfeitara o envelope da primeira renda com desenhos a esferográfica azul. Queria mostrar-lhe que estava apostado em ser um bom rapaz, que era de confiança ao ponto de se lembrar daquele detalhe. Por isso, tinha arrancado uma página do caderno de Geografia e desenhara um padrão serpenteante de cornucópias ao redor do nome dela, colorindo-as de maneira a que as linhas curvas se destacassem numa glória de cobalto.

A senhoria morava no mesmo prédio, num apartamento idêntico, faustosamente mobilado e cálido por causa do aquecimento central. No outro apartamento, gelado, ela mantinha cinco homens em cinco quartos pelo preço de dezoito libras e cinquenta *pence*, pagos à semana, e só aceitava a renda em dinheiro vivo. Os dois homens com empregos, que não recebiam subsídios da Segurança Social, tinham de meter o dinheiro por baixo da porta da senhoria na sexta à noite, antes de gastarem o salário restante em bebida. De joelhos, no tapete

de entrada, permaneciam ali alguns segundos, aproveitando o consolo que irradiava do interior da casa da senhora Bakhsh: tachos em ebulição com pedaços fragrantes de galinha, os sons felizes de crianças que competiam para escolher os canais de televisão, as gargalhadas de mulheres gordas que falavam uma língua estrangeira ao redor da mesa da cozinha.

A senhoria nunca incomodava Shuggie. Não aparecia nos quartos a menos que alguém se atrasasse com a renda. Nesse caso, chegava na companhia das outras mulheres paquistanesas de braços grossos, e batia vigorosamente à porta dos homens. Mas, na maioria das vezes, apenas surgia para aspirar o corredor sem janelas ou para limpar a casa de banho. Uma vez por mês, despejava lixívia na retrete e, de tempos em tempos, mudava o tapete que absorvia os salpicos de mijo.

Shuggie encostou a cara na porta do quarto e pôs-se à escuta, esperando que o homem da cara rosada terminasse as abluções. No silêncio, ouviu-o a destrancar a porta da casa de banho e a sair para o corredor. O rapaz enfiou-se nos velhos sapatos da farda da escola. Apenas de cuecas, vestiu a *parka* que era uma película barulhenta de *nylon* e tinha pêlo felpudo ao redor do capuz. Puxou o fecho até ao pescoço. Nos bolsos enormes enfiou um saco de plástico do supermercado Kilfeathers e dois guardanapos de pano.

Uma camisola da farda escolar cobria a fresta na base da porta. Quando a removeu, sentiu o cheiro dos outros homens transportado pela fria corrente de ar. Um deles estivera novamente a fumar durante a noite; outro tinha comido peixe ao jantar. Shuggie abriu a porta e deslizou para a escuridão.

A senhora Bakhsh tinha retirado a única lâmpada do tecto do corredor, alegando que os homens lhe tinham custado demasiado dinheiro, uma vez que deixavam a luz acesa a todas as horas. O cheiro dos homens persistia no corredor como um rasto de fantasmas, sem uma brisa ou uma luz que o perturbasse. Anos de homens que fumavam no sítio onde dormiam, que comiam fritos ao jantar diante de fogões portáteis. Dias de Verão passados sem abrir as janelas. Os odores cediços do suor e do esperma misturados com o calor estagnado das televisões

a preto e branco e a pungência dos *aftershaves* com aromas de âmbar.

Shuggie era capaz de distinguir os vizinhos. Na escuridão, conseguia seguir o homem da cara rosada enquanto este fazia a barba ou passava brilhantina no cabelo. Conseguia farejar o sobretudo bafiento do homem com dentes amarelos que apenas comia algo que cheirava a pipocas com manteiga e a molho de peixe. De noite, quando os *pubs* fechavam, Shuggie conseguia identificar os homens à medida que, sãos e salvos, regressavam aos quartos.

A casa de banho partilhada tinha uma porta com vidro martelado. Ele fez rodar o trinco e puxou a maçaneta, certificando-se de que a porta estava trancada. Correu o fecho da pesada *parka* e deixou-a a um canto. Abriu a torneira com a pinta vermelha para sentir a água quente. Mas os canos despejaram um resto de líquido morno e depois cuspiram duas vezes, jorrando água mais fria do que o rio Clyde. Um choque gélido fez com que Shuggie enfiasse os dedos na boca. Pegou numa moeda de cinquenta *pence* e, rodando-a tristemente entre os dedos, enfiou-a na ranhura do esquentador, vendo como a chama do gás ganhava vida.

Voltou a abrir a torneira e a água ainda corria gelada. Mas, depois de um soluço, esguichou água a ferver. Shuggie molhou um pano da louça e passou-o pelo peito frio, pelo pescoço pálido, satisfeito com o vapor quente. Afundou a cabeça naquele calor raro, mantendo-se ali, sonhando encher uma banheira até cima. Imaginou ficar debaixo da água quente, longe dos outros hóspedes. Havia muito que não se sentia completamente descongelado, todo ele quente no mesmo instante.

Erguendo o braço, passou o pano do pulso até ao ombro. Flectiu o músculo e agarrou o bíceps com os dedos. Se tentasse a sério, quase podia rodeá-lo por inteiro. Se o apertasse com força, sentiria os contornos do osso. Os sovacos estavam cobertos por uma penugem que parecia cotão ou penas de pato bebé. Enfiou ali o nariz; tinha um cheiro doce e limpo, um cheiro a absolutamente nada. Beliscou e apertou a pele, pinçando

a brandura da carne até ficar vermelha; voltou a cheirar os dedos. Nada. Esfregando-se com mais força, disse, entre dentes:

— Resultados da Primeira Divisão Escocesa. Glasgow Rangers, 22 vitórias, 14 empates, 8 derrotas, 58 pontos. Aberdeen, 17 vitórias, 21 empates, 6 derrotas, 55 pontos. Motherwell 14 vitórias, 12 empates, 10 derrotas.

No espelho, o cabelo molhado era negro como carvão. Enquanto o penteava sobre a cara, ficou espantado que lhe chegasse quase até ao queixo. Olhou fixamente para o reflexo e tentou encontrar algo masculino para admirar. Os caracóis negros, a pele leitosa, os pómulos faciais salientes. Cruzou-se com o olhar no espelho. Havia algo de errado. Os rapazes a sério não eram assim. Voltou a esfregar-se.

— Glasgow Rangers, 22 vitórias, 14 empates, 8 derrotas, 58 pontos. Aberdeen, 17 vitórias...

Passos no corredor e, depois, o chiar dos sapatos de couro, em seguida, nada. A porta fina moveu-se insistentemente contra o ferrolho. Shuggie apanhou a *parka* e enfiou lá dentro o seu corpo húmido.

Quando se mudara para o quarto alugado pela senhora Bakhsh, apenas um dos hóspedes lhe prestara atenção. O homem de cara rosada e o homem dos dentes amarelos estavam demasiado cegos ou demasiado destruídos pela bebida para se importarem com ele. Mas, na primeira noite, com Shuggie sentado na cama a comer pão com manteiga, alguém bateu à porta. O rapaz manteve-se em silêncio durante bastante tempo até decidir abrir. O homem no outro lado da porta era alto, bem constituído e cheirava a sabonete de pinho. Tinha na mão um saco de plástico com doze latas de cerveja que tilintavam como os sinos de uma capela distante. Após um aperto de mão vigoroso, o homem apresentou-se como Joseph Darling e, sorrindo, ofereceu o saco ao rapaz. Shuggie tentou dizer «Não, obrigado», da forma educada como fora ensinado, mas algo no homem o intimidou, e por isso deixou-o entrar.

Ficaram ali sentados, em silêncio, na beira da cama de solteiro, a olhar para a rua do bairro social. Famílias protestantes comiam diante da televisão e a mulher-a-dias, que vivia sozinha

no prédio em frente, jantava numa mesa desdobrável. Beberam em silêncio e observaram as rotinas dos outros moradores. O senhor Darling manteve vestido um casaco grosso de *tweed*. O peso do homem na cama inclinava Shuggie na direcção dele. Pelo canto do olho, o rapaz viu as pontas amarelas dos dedos grossos que se debicavam umas às outras nervosamente. Shuggie só bebera um gole de cerveja para ser cortês. Quando o homem falou, ele apenas conseguia pensar no sabor da cerveja de lata, como era amarga e tinha o travo da tristeza, lembrando-lhe coisas que preferia esquecer.

O senhor Darling tinha um ar ponderado, até meio reservado. Shuggie esforçou-se para ser simpático e ouvi-lo. O homem trabalhara como contínuo numa escola protestante que fora fechada e se fundira com uma escola católica, de forma a poupar dinheiro ao Estado. Enquanto falava, o senhor Darling parecia menos surpreendido de ter perdido o emprego do que com o facto de os protestantes se darem pacificamente com os católicos.

— Nem dá para acreditar! — disse ele, em grande parte para si mesmo. — No meu tempo, a religião dizia alguma coisa sobre nós. Um gajo não ia à escola sem andar à mocada com os católicos filhos da puta que empestavam os autocarros com um fedor a couve. E era coisa para se ter orgulho. Agora, qualquer chavala jeitosa se mete na cama com um desses cabrões papa-hóstias.

Shuggie fingiu bebericar da lata, mas deixou que a cerveja lhe passasse pelos dentes e voltasse à abertura. Os olhos do senhor Darling procuravam alguma coisa nas paredes. Depois, olhou de esguelha para o rapaz e perguntou, subitamente inseguro quanto à sua audiência:

— E tu, em que escola andaste?

Shuggie sabia o que o homem queria.

— Eu não sou nem uma coisa nem outra. E ainda ando na escola.

Era verdade, não pertencia aos católicos nem aos protestantes. E, sempre que não tinha turnos no supermercado, ia às aulas.

**Romance de estreia do autor escocês  
Douglas Stuart, *Shuggie Bain* foi o grande  
vencedor do Man Booker Prize.**

**Uma história comovente sobre o heroísmo  
e os limites do amor.**

**Livro do Ano – British Book Awards**

**Finalista do National Book Award ★ Finalista do Orwell Prize**

**Finalista do Pen Hemingway Award ★ Finalista do Kirkus Prize**

1981, Glasgow. A outrora próspera cidade mineira sufoca sob o jugo férreo das políticas de Margaret Thatcher, lançando milhares de famílias para a miséria. A epidemia do álcool e das drogas aproveita para capturar os mais vulneráveis. Agnes Bain esperava mais da vida. Sonha com uma casa só sua e folheia catálogos de compras a crédito, na vã tentativa de alegrar a existência precária a que fica condenada quando o marido a abandona, sem emprego e com três filhos. Com cabelos negros sedosos e ondulados, maquilhagem esmerada e dentes falsos perfeitos, parece a Elizabeth Taylor de Glasgow, mas as malhas do vício enredam Agnes, que, mês após mês, gasta o abono de família em latas de cerveja e maços de tabaco. Os filhos fazem o melhor que podem para cuidar de si e da mãe, mas, um a um, vêm-se obrigados a abandonar a casa materna, para tentarem salvar-se. Fica Shuggie, o mais novo, que adora a mãe e não perde a esperança de a salvar. Mas, aos oito anos, o rapaz tem a sua própria luta para travar: delicado, sensível, comporta-se como um príncipe e destoa da dureza da escola e das ruas devastadas pela pobreza. Anseia apenas ser normal e encaixar, mas é o último a perceber que carrega um segredo e nunca poderá ser igual aos outros.

*Shuggie Bain* é um magnífico romance de estreia de um autor que tem uma história importante para contar, inspirada na sua própria. Uma história dilacerante de dependência, carência e afecto, um retrato épico de uma cidade, um quadro íntimo de uma família destrozada e, sobretudo, uma extraordinária história de amor.



**Um dos melhores livros do ano:**

***The New York Times* ★ *The Washington Post* ★ *The Times***

***Kirkus Reviews* ★ *Time Magazine* ★ *NPR***



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

f alfaguaraeditora

@ penguinlivros

ISBN 9789897876011



9 789897 876011 >